

O SIGNO LINGUÍSTICO E A REPRESENTAÇÃO SEMIÓLÓGICA DA MULHER NORDESTINA: OLHARES PLURAIS

Jailma Maria da Silva¹

Resumo: O inconsciente coletivo é atravessado por discursos e imagens que são construídos e permanecem latentes, mesmo que sutilmente e/ou de forma tácita entre os membros de uma sociedade. Considerando tal assertiva, nos questionamos sobre a condição da mulher nordestina que é imagetivamente divulgada pelas mídias e que permanece como definidora dessas mulheres. Questões que permeiam a relação entre o signo e as questões subjetivas como um canal de construção ao imaginário popular são palco de reflexões as quais nos compeliram à escritura deste texto, a fim de analisarmos sobre essa imagem que é divulgada e publicizada da mulher nordestina. Para tanto, partiremos do conceito sobre o signo linguístico, os princípios da arbitrariedade e as noções de valor sob a ótica de Ferdinand de Saussure (2006) e à luz da Semiologia discutida por Roland Barthes (1987, 1993, 2012) como caminhos correlacionados. Sublinhamos que o ponto de nosso interesse circula em discutirmos a construção discursiva sobre a figura da mulher campezina, da trabalhadora rural, isto é, como sua imagem é construída através das relações estabelecidas e divulgadas pela mídia. Para a coleta de 04 (quatro) do material de análise — as referidas imagens — utilizamo-nos da expressão “mulher nordestina” aplicada no navegador Google, tendo como critérios as que continham as imagens de mulheres reconhecidas como nordestinas pelos meios de divulgação (Facebook e site). Nosso intuito é o de analisar o material coletado e contribuir para a desconstrução da suposta fragilidade da mulher nordestina que é divulgada pela mídia e absorvida pela sociedade, às vezes até

¹ Doutoranda do Programa Pós-Crítica — DLARTTES/Campus Avançado de Canudos/BA-Turma Multicampi.

inconscientemente, atendendo a um poder hegemônico e patriarcalista.

Palavras-Chave: Mulher nordestina. Semiologia. Inconsciente coletivo.

O SIGNO E ALGUMAS DICOTOMIAS SAUSSUREANAS

Como parte de um sistema linguístico (a língua), o signo linguístico é apresentado por Ferdinand de Saussure (2006) como constituído por dois elementos principais: o sentido e a imagem acústica, respectivamente, significado e significante. Segundo o linguista, “[...] estes dois termos têm a vantagem de assinalar a oposição que os separa, quer entre si, quer do total que fazem parte” (SAUSSURE, 2006, p. 80).

Considerando, portanto, a relação que une essas duas faces do signo, o significado enquanto conceito e o significante como uma imagem acústica, esta conceituada como as representações psíquicas de sons fonético-fonológicos, nos perguntamos: o que une o significado ao significante? Qual ou quais os princípios que estabelecem essa união? Para discutirmos sobre essa relação, trazemos dois princípios relevantes apresentados por Ferdinand de Saussure: o da arbitrariedade do signo linguístico e o de seu valor.

Sobre o primeiro, dizemos que a relação que se mantém entre o significado e o significante é imotivada, isto é, não há nenhum princípio ou relação necessária que possa determinar o significante, por isso considerado imotivado. Sendo a relação entre essas duas partes, ela é, portanto, arbitrária. Essa afirmação saussuriana foi exemplificada pela diferença entre as línguas. Exemplifica Saussure (2006, p. 82) sobre a arbitrariedade do signo linguístico que o “significado da palavra francesa *boeuf* (“boi”) tem por significante *b-ö-f* de um lado da fronteira franco-germânica, e *o-k-s* (Ochs) do outro”. Ainda como exemplo, podemos dizer que o

significante *l-á-p-i-s* poderia significar um outro objeto que não aquele que utilizamos para escrever, ou poderia haver uma outra sequência que designasse o objeto *lápiz*, ou seja, podemos evidenciar a convencionalidade nessa relação.

Em citação à concepção Saussureana (1857-1913), Castelar de Carvalho (2003) diz que:

[...] o princípio da arbitrariedade do signo é um fenômeno geral, resulta historicamente de uma convenção (arbitrário convencional) social e é ele que assegura o funcionamento a-histórico do sistema linguístico. Para Saussure, o signo é imotivado *a priori*, isto é, em suas origens, ressalva feita unicamente para os casos que ele situou como ‘arbitrariedade relativa’, estes sugeridos *a posteriori* (CARVALHO, 2003, p. 86).

Nessa relação arbitrária pontuamos ainda um outro aspecto, o do “valor”, que não pode ser confundido com significação, pois é na oposição entre termos que o valor se estabelece, se mantém ou surge. Saussure (2006) exemplifica tal fenômeno com a palavra francesa *mutton* e a inglesa *sheep*, que significam *carneiro*, entretanto, apresentam um outro valor, pois, na língua inglesa, o falante inglês se referirá ao *carneiro* enquanto comida preparada, conteúdo de um prato, como *mutton* e não como *sheep*.

Percebemos, então, que a oposição entre as palavras estabelece seu valor “real”, em uso, e, como coloca Saussure (2006), em relação ao que está ao seu redor. Assim, como diz Fiorin (2021, p. 103) em citação a Saussure (1969, p. 83): “A língua é um fato social, porque o signo é arbitrário, o que quer dizer que seus valores residem no uso e consenso geral de uma comunidade”.

Assim, se o objeto de estudo saussuriano é o signo e sua relação aos aspectos sociais, nos cabe sublinhar o funcionamento semiológico desses signos, ou seja, a língua, concebida como uma instituição social, como “um sistema de signos que exprimem

idéias” (SAUSSURE, 2006, p. 24) e, portanto, um “sistema de valores” (SAUSSURE, 2006, p. 249).

À noção de valor que perpassa a relação significante e significado e às demais dicotomias saussurianas, couberam tantas e outras essenciais discussões, as quais renderam vertentes epistemológicas e teóricas que perpassam a Semiologia, a Semiótica.

SIGNO, SEMIOLOGIA E SEMIÓTICA

É visto que os estudos sobre o signo linguístico e suas dicotomias vertem sobre o fato de que a língua é considerada por Ferdinand de Saussure enquanto um sistema, e essa concepção estruturalista se mantém sobre os estudos semiológicos.

Sobre a Semiologia, Saussure (2006 *apud* FIORIN, 2021, p. 101, grifo do autor) coloca que, “Se há uma série de sistemas de signos que funcionam como a língua, será preciso criar uma ciência geral desses sistemas, que será denominada *Semiologia*”. Neste caso, o sistema semiológico envolverá o sistema linguístico, como afirma o linguista (2006):

Se se quiser descobrir a verdadeira natureza da língua, será mister considerá-la inicialmente no que ela tem em comum com todos os outros sistemas da mesma ordem; e fatores linguísticos que aparecem, à primeira vista, como muito importantes (por exemplo: o funcionamento do aparelho vocal), devem ser considerados de secundária importância quando sirvam somente para distinguir a língua dos outros sistemas. Com isso, não apenas se esclarecerá o problema linguístico, mas acreditamos que, considerando os ritos, os costumes etc. com signos, esses fatos aparecerão sob outra luz, e sentir-se-á a necessidade de agrupá-los na Semiologia e de explicá-los pelas leis da ciência (SAUSSURE, 2006, p. 25, grifo nosso).

Contemporâneo aos estudos saussurianos, Roland Barthes (2012) acrescenta que uma análise semiológica sempre envolverá um caminho que atravessa a linguagem, ou seja, o sistema semiológico sempre será perpassado pela linguagem, e esta “não é exatamente a dos linguistas: é uma segunda linguagem cujas unidades [...] [são] *fragmentos mais extensos do discurso*” (BARTHES, 2012, p. 15, grifo nosso). Assim, o semiólogo (2012) inaugura uma posição que se depara com o linguístico e o translinguístico, demarcando uma certa singularidade e, dessa forma, recolocando o papel da Semiologia como parte da Linguística, ou seja, “*as grandes partes significativas do discurso*” (BARTHES, 2012, p. 15, grifo do autor) como objeto de análise semiológica, reconsiderando as colocações de Ferdinand de Saussure, que considerava a Linguística como parte da Semiologia.

Dessa forma, Barthes (2012) retrata em seus escritos a Semiologia da conotação e diz que:

Quanto ao significado de conotação, tem um caráter ao mesmo tempo geral, global e difuso: é se quiser, um fragmento da ideologia: o conjunto das mensagens em português remete, por exemplo, ao significado “Português”; uma obra pode remeter ao significado “Literatura”; estes significados comunicam-se estreitamente com a *cultura, o saber, a História*; é por eles que, por assim dizer, o mundo penetra o sistema; a *ideologia* seria, em suma, a *forma* (no sentido hjelmsleviano) dos significados de conotação, enquanto a *retórica* seria a forma dos conotadores (p. 115, grifo nosso).

Faz-se relevante frisar neste ponto deste escrito que nosso objeto tratado — mulher nordestina — pode ser delineado através das arestas da Semiologia e da Semiótica. Sobre este dito, nos baseamos em Coquet (1984, p. 21 *apud* FIORIN, 2021, p. 109) ao referir-se ao objetivo da Semiótica que é...

explicitar as estruturas significantes que modelam o discurso social e individual. Assim, “não se trata mais dos signos, mas da significação, ou seja, das relações diferenciais subjacentes que produzem o discurso. Vai estudar as estruturas, que são sempre relacionais, semânticas, e sintáticas hierárquicas que produzem os sentidos dos universos discursivos (FIORIN, 2021, p. 109).

Para Greimas (1973, p. 52-53 *apud* FIORIN, 2021, p. 109) “o discurso é tanto da ordem do sistema quanto da do acontecimento e, ‘como tal, submetido à história’”. Sublinhamos que a semiologia ou semiótica seria então “a ciência que estuda a vida dos signos no seio da vida social” (SAUSSURE, 1972, p. 33).

Pretendemos, então, analisar semiologicamente, a partir da vertente barthesiana, algumas imagens de mulheres nordestinas que são divulgadas e constroem discursivamente, no imaginário, no inconsciente coletivo, o perfil de uma mulher frágil, aparentemente, embora, nas entrelinhas, também o de uma mulher trabalhadora, mas à mercê da hegemonia patriarcalista e dominadora.

A REPRESENTAÇÃO SEMIÓTICA DA MULHER NORDESTINA

Então, partimos da significação, da Semiótica, para entendermos a geração de sentido através da semiose, dos signos que significam e sua reverberação a partir da representação das imagens analisadas. Nosso objeto de apreciação é a imagem subjetiva da mulher nordestina, rural, a mulher agricultora, sertaneja, criada através de signos que são construídos no imaginário popular e que se mantém como um estereótipo apresentado, não raras vezes, de uma mulher frágil, acometida pelo sol, que, no realce de uma pele enrugada, aparenta forte exposição às intempéries da vida e do trabalho como agricultora.

Outrossim, a partir dessas premissas, algumas indagações regem o principal mote de discussão:

Qual a representação semiótica que é difundida em torno da mulher nordestina no imaginário nacional?

O que essas mulheres significam?

Por que são retratadas dessa forma e como essas imagens que estão publicizadas podem sublinhar, no inconsciente coletivo, o estereótipo dessas mulheres?

Assim, nos apoiaremos na perspectiva Barthesiana (2012, p. 119) que define o objetivo da pesquisa semiológica como a reconstituição do “funcionamento dos sistemas de significação diversos da língua [...]”. Em nossa busca tentaremos encontrar sentido na significação, pois o sistema semiológico é perpassado pela linguagem, pelos discursos.

O NORDESTE E SUAS PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS

A Região Nordeste é composta por 09 (nove) estados, Maranhão (MA), Piauí (PI), Ceará (CE), Rio Grande do Norte (RN), Paraíba (PB), Pernambuco (PE), Alagoas (AL), Sergipe (SE) e Bahia (BA) que perfazem uma marcante diversidade cultural, social e uma diferença econômica. A região se subdivide em quatro sub-regiões: sertão, agreste, meio-norte e zona da mata. A caatinga é o bioma que ocupa 12% da região² cuja vegetação é caracterizada com árvores de galhos retorcidos, por vegetação esbranquiçada e que se mantém dessa forma por quase todo o ano, entretanto, na época das chuvas, do inverno, essa vegetação se apresenta verde e

² Disponível em: <http://www.invivo.fiocruz.br/biodiversidade/bioma-caatinga/>. Acesso em 25 mar. de 2022.

com flores. A sub-região do sertão chega a uma temperatura de 40° com um clima quente e seco.

É nesse lugar, apenas nesse ambiente árido que a imagem da mulher nordestina é construída, como uma mulher rural e que ocuparia apenas este espaço. Para tanto, trazemos algumas características da região para melhor entendimento da localização geográfica cuja configuração é o lugar imagético onde a imagem da mulher nordestina é construída pelo inconsciente coletivo a partir de onde esta faria parte apenas de uma população vulnerabilizada.

O OBJETO DE ANÁLISE: MULHER NORDESTINA

Nosso objeto de estudo está delineado a partir das imagens da mulher nordestina que se apresenta no inconsciente coletivo e que se configura como uma representação semiológica que se interpõe sob a ideia de uma mulher frágil, descuidada, agricultora, sem recursos econômicos, sem saberes etc, e que ocupa a região rural do nordeste brasileiro, mais especificamente, as subregiões do agreste e do sertão.

Para a seleção das imagens, utilizamos o navegador *Google*, usando, como termo de busca, a expressão “mulher nordestina” no link “imagens”. Como não houve prévia delimitação de objeto específico, resolvemos nos ater ao número de 04 (quatro) achados, entre outros similares, que continham aspectos imagéticos relacionados à mulher nordestina ora discutida, perfazendo nosso objeto de observação com essas 04 (quatro) imagens publicizadas na rede de internet que propagam três endereços eletrônicos da mídia, mais especificamente, 02 (duas) da rede *Facebook* e 02 (duas) de um site.



Foto nº 01³ Foto nº 02⁴



Fotos nº 03 e nº 04⁵

³ Foto 1 — Disponível em: https://m.facebook.com/PORTALNOSSONORDESTE/posts/388893529144841/?refsrc=deprecated&_rdr. Acesso em: 23 mar. 2022.

⁴ Foto 2 — Disponível em: <https://es-la.facebook.com/CTN.SP/photos/-marque-aquela-mulher-guerreira-forte-e-inspiradora-feliz-dia-internacional-da-m/1986532028122678/>. Acesso em: 23 mar. 2022.

⁵ Fotos nº 03 e 04 — Disponível em: <https://caritasdepesqueira.org.br/2019/01/donanza-a-forca-e-resistencia-da-mulher-nordestina/>. Acesso em: 23 mar. 2022.

A foto nº 01 é divulgada no *facebook* com o endereço eletrônico de “Nosso Nordeste”; a segunda foto é divulgada também pelo *facebook* através do endereço “Centro de Tradições Nordestinas”, indicado com o endereço de São Paulo /SP; as fotos nº 03 e nº 04 são divulgadas pelo site da “Cáritas Diocesana de Pesqueira/PE”.

Vemos, nas quatro imagens apresentadas, alguns aspectos relevantes para nossa análise. Outrossim, o que diz Barthes (1984):

O que a Fotografia reproduz ao infinito só ocorreu uma vez: ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente. Nela, o acontecimento jamais se sobrepassa para outra coisa: ela reduz sempre o *corpus* de que tenho necessidade ao corpo que vejo; ela é o Particular absoluto, a Contingência soberana, fosca um tanto boba, o Tal (tal foto, e não a Foto), em suma a Tique, a Ocasão, o Encontro, o Real, em sua expressão infatigável (Grifo do autor, p. 13).

Então, a imagem fotográfica da mulher, como aponta o autor, nos integra ao absoluto que vemos, que se personifica ao corpo que se vê, em uma imagem, em um inconsciente coletivo que se desenha, um estado de instante que se observa e se detém a ideia primeira, e que se mantém: a mulher nordestina em uma imagem precária de vida.

Assim, percebemos, nas imagens dos rostos das três mulheres e na imagem onde aparecem mãos, as rugas da pele, que podem ser originadas por dois agentes: o sol e a idade. A região Nordeste, mais especificamente, no sertão, caracteriza-se pela incidência intensa do sol, atingindo temperaturas climáticas que chegam aos 40 graus. A mulher agricultora, geralmente, se submete, a essa temperatura e, embora se mantenha algumas vezes sob roupas que cobrem o corpo e usando chapéu, geralmente de palha, se expõe aos raios solares, resultando, então, em envelhecimento precoce da pele (Vide imagem 01). O que

também chama a atenção nessa mesma imagem é a roupa (puída) o que sugere pobreza, simplicidade, significando, então, a condição de vulnerabilidade em que a mulher rural é posta, divulgada, colocando-a em um lugar social pré-determinado pelos discursos e por esse sistema sógnico que se arranja a um discurso subliminar que se mantém através desses signos.

O discurso se constrói e se mantém a partir da relação entre alguns signos como a roupa rasgada que pode significar pobreza, o descuido com a pele que pode significar a exposição, em condições exaustantes, a um trabalho árduo sob sol e calor.

As imagens sempre divulgam a representação de uma mulher que vivencia contextos de dificuldades, implicitamente, com uma certa humildade, apresentando-a enquanto mulher resignada, submetida a uma condição de trabalho bastante sacrificada.

Um outro dado relevante é que o estereótipo da mulher nordestina sempre está relacionado a uma significação de mulher rural — em difícil aparição há a imagem de uma mulher urbana e que tem “vida” em uma capital ou em uma cidade cuja base econômica não seja tão somente de base rural.

Chama-nos a atenção o fato de que essas mulheres são vistas como guerreiras, lutadoras por melhores condições de vida. Tal observação pode ser considerada na imagem nº 02, pois há a linguagem verbal através da frase “Lute como uma nordestina”. Sim, são mulheres guerreiras que sobrevivem e cuidam do sustento das suas famílias plantando, colhendo, muitas pela agricultura familiar ou pelo que vendem nas feiras livres, são, podemos dizer, mulheres empoderadas que resistem e (re)existem sob os olhares machistas e discriminatórios. Nesse aspecto, percebemos a força de trabalho, de produção sob a égide do capitalismo que se configura de forma subliminar na imagem e no discurso sobre as

mulheres nordestinas. Tal consideração pode ser observada a partir das palavras de Safiotti (2013) ao citar a força de trabalho feminina:

A utilização social de caracteres raciais, assim como sexuais, permite dar aos fenômenos de natureza econômica, tais como o posicionamento dos indivíduos no sistema produtivo de bens e serviços, uma aparência inibidora da percepção de sua essência. Neste sentido, a determinação sexo, enquanto determinação comum, serve às determinações essenciais de cada uma das configurações estruturais histórico-sociais, fornecendo-lhes cobertura, isto é, a aparência necessária, sob a qual se escondem os verdadeiros mecanismos de operação de cada modo específico de produção. Conquanto seja o fator sexo um critério menos conveniente do que o fator raça para a conservação do domínio das camadas privilegiadas, constitui sempre um elemento pelo menos potencialmente discriminador e, portanto, estratificatório. Nesta medida, contribui substancialmente para fornecer aos diferentes tipos de sociedades assentadas sobre a economia de livre iniciativa a camuflagem de que necessitam a fim de amenizarem as tensões sociais por elas geradas e, portanto, de resguardarem sua estrutura de mudanças fatais para o modo de produção vigente ou aceleradoras da transformação interestrutural (p. 328-329).

Entretanto, essas imagens acabam por criar ou ratificar um pensamento hegemônico de que os nordestinos são pessoas sofridas, ingênuas e alheias ao mundo. Permanece, então, a representação imagética de pessoas que estão à margem do conhecimento, da consciência política e social, e que estariam a mercê das influências colonialistas, de subserviência e, portanto, de estarem submetidas a levarem uma vida de sacrifícios e sem melhores perspectivas de trabalho.

A imagem da mulher nordestina deve e pode ser vista, sim, como guerreira, mas, há outros significantes que se interpõem nessa construção semiótica; há outros significados e outros contextos que podem ser elaborados e divulgados sobre a mulher,

como o empoderamento, a força da mulher que não se limita às rugas do rosto, das mãos; existe o desdobramento de uma vida que constrói outras pontes que levam ao posicionamento de uma mulher, mãe, às vezes mãe solo, que gera, que nutre, que se responsabiliza e extravasa o seu “eu” em busca de, sempre, organizar e solidificar sua condição de vida. Vê-se, assim — e não é de hoje —, uma luta de forças com os ditames colonialistas que se revelam, como nas imagens apresentadas, na relação entre os significados de uma mulher frágil e de uma mulher determinada, que identifica o seu papel sócio-político e se coloca em seu lugar de fala, territorializa-se em seu espaço-tempo, constrói sua identidade.

A hegemonia patriarcalista ainda impera nos ruídos, no tempo, nos fatos, e a figura feminina, a mulher, é posta como parte relevante desse processo, pois que, desde a infância já lhe é determinado o lugar, o tempo-espaço que deve ocupar; seu futuro já se encontra pré-estabelecido definido como o ser frágil, objetificado como ser subserviência para atender às necessidades do pai, irmãos, marido, filhos e/ou de toda a família e da sociedade.

Ante as imagens divulgadas, a mídia e a sociedade em geral precisam perceber que há outras significações, há outros lugares e espaços ocupados pelas mulheres campesinas e nordestinas; há músicas e sorrisos e felicidade, sob esse véu de sofrimento que sempre é exposto. Há mulheres e batons que pintam o Nordeste em um cenário nacional que alimenta a força da mulher brasileira, do empoderamento, da força feminina que constrói o ser, o outro.

SOBRE O QUE É POSSÍVEL “SIGNIFICAR”

Sob o olhar saussuriano que admite a língua enquanto um sistema e a noção principal de que o “ponto de vista é quem cria o objeto” (SAUSSURE, 2006, p. 15), e a partir da visão barthesiana,

delimitamos como *corpus* de nossa análise o sistema de significação sobre a mulher nordestina. Através da perspectiva de uma translinguística observada por Barthes (2012), da relação semiótica que perpassa a relação entre significados e significantes, percebemos como as representações subjetivas são elaboradas através das imagens, neste caso, a mulher nordestina e sua representação semiótica na sociedade e no cenário nacional.

Dessa forma, podemos pontuar que outras imagens das mulheres nordestinas podem ser divulgadas, publicizadas e construir outra visão, outra representação semiótica mais fiel ao real, aos processos identitários que podem perfazer o imaginário, o inconsciente coletivo, e fazer com que a sociedade perceba que é na diferença que os sujeitos se constituem. Conveniente o que coloca bell hooks (2017, p. 102) em citação à Patrícia Williams: “[...] até aqueles entre nós que são ‘conscientes’ são obrigados a sentir a dor engendrada por todas as formas de dominação (homofobia, exploração de classe, racismo, sexismo, imperialismo).

Podemos, então, representar semioticamente a mulher nordestina, campesina, como uma mulher sociopoliticamente localizada em seu tempo-espaço, em sua territorialidade enquanto mulher empoderada. Pensamos que a força subjetiva que se interpõe entre os discursos e as construções representativas são caminhos, elementos construtores que nos fazem repensar a representatividade enquanto identidade, como diz Candau (2021, p. 25): “[...] a identidade (cultural ou coletiva) é certamente uma representação”.

⁶ Ensaio “On Being the Object of Property” (em *The Alchemy of Race and Rights*). (HOOKS, 2017, p. 102).

REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. *Elementos de Semiologia*. 19. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.
- BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- BARTHES, Roland. *La aventura semiológica*. Barcelona: Paidós, 1993.
- BARTHES, Roland. *A Câmara clara: nota sobre a fotografia*. Trad. Júlio Casta Éon Guimarães. Rio de Janeiro/RJ: Nova Fronteira, 1984.
- CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. 7. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2021.
- CARVALHO, Castelar de. *Para compreender Saussure*. 15. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2003.
- DUBOIS, Jean et al. *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix, 2006.
- FIORIN, José Luiz; BARBISAN, Leci Borges; FLORES, Valdir do Nascimento. (Org.). *Saussure: a invenção da Linguística*. 1. reimpressão. São Paulo/SP: Contexto, 2021.
- HOOBS, bell. *Ensinando A transgredir: a educação como prática da liberdade*. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. BALLY, Charles; SECHEHAYE, Albert (Org.). São Paulo/SP: Cultrix, 2006.

